



AMAZÔNIA SEM LEI / Mais cinco homens que ajudaram a enterrar os corpos de Bruno Pereira e Dom Phillips na mata foram identificados. Embarcação de indigenista e jornalista britânico foi encontrada a 20 metros de profundidade

PF mira 8 suspeitos; 3 estão presos

» RAFAELA GONÇALVES

Mais cinco pessoas foram identificadas por suposta participação na ocultação dos cadáveres do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips no Vale do Javari, no estado do Amazonas. Segundo o comitê de crise coordenado pela Polícia Federal do Amazonas, os suspeitos foram localizados e ouvidos pelos agentes que atuam na operação, mas estão respondendo em liberdade. Os nomes não foram divulgados, mas até o momento oito pessoas já têm envolvimento no caso. Os suspeitos devem ser indiciados pelo crime de ocultação de cadáver e vão responder às acusações em liberdade, devido ao crime prever uma pena inferior a quatro anos.

"As investigações continuam no sentido de esclarecer todas as circunstâncias, os motivos e os envolvidos no caso", disse em nota a PE. A corporação não informou a identidade dos suspeitos.

O delegado titular da 50ª Delegacia Interativa de Polícia (DIP) de Atalaia do Norte, Alex Perez, declarou também que os policiais estão trabalhando para identificar os suspeitos restantes.

Três dos suspeitos estão presos: Amarildo da Costa Oliveira, conhecido como "Pelado", Oseney da Costa Oliveira, o "Dos Santos", e Jefferson da Silva Lima, o "Pelado da Dinha". Segundo a polícia, Amarildo confessou ser o executor do crime e Oseney se reservou ao direito de permanecer em silêncio. Eles são irmãos. Já Jefferson está envolvido na ocultação dos cadáveres.

Todos teriam participado diretamente do duplo homicídio e tiveram a prisão temporária de 30 dias decretada pela Justiça do Amazonas. A Polícia Civil do estado também confirmou que investiga a participação de mais pessoas no crime.

A embarcação em que a dupla viajava, que havia sido afundada, foi localizada por bombeiros e militares da Marinha neste domingo. De acordo com a polícia, foram cinco horas de operação para encontrar a lancha, que foi localizada a cerca de 20 metros de profundidade, emborcada com seis sacos de areia para dificultar a flutuação, a uma distância de 30 metros da margem direita do rio.

Além do casco da embarcação, também foram encontrados um motor Yamaha 40 hp, quatro tambores que eram de propriedade do Bruno, sendo três em terra firme e um submerso. As evidências serão submetidas à perícia nos próximos dias para ajudar a elucidar o crime.

Em Brasília, peritos do Instituto Nacional de Criminalística examinam os restos mortais

LeoBark/Secom/MPF



Após viagem ao estado, Aras diz que volta para Brasília com "disposição para defender Amazônia"

recolhidos pela PF. Os exames já confirmaram que os corpos são do indigenista e do jornalista. O último laudo da perícia afirma que o repórter e o indigenista foram mortos com tiros de munição típica de caça. A região em que ocorreu o crime é conhecida pela presença de caça e pesca ilegal. Segundo os peritos, Bruno foi baleado três vezes, na cabeça e no tórax, e Dom uma vez, no tórax.

As investigações sobre a motivação do crime seguem em sigilo. Apesar de os agentes já terem afirmado que não há indícios de que tenha havido ordem de um mandante para que Bruno e Dom fossem executados, a pesca ilegal e o tráfico de drogas são braços do crime organizado que atuam na região. Bruno Pereira dedicava a vida a denunciar e ajudar a coibir as práticas, em defesa dos indígenas.

Reestruturação do MPF

O procurador-geral da República, Augusto Aras, e integrantes do Ministério Público Federal (MPF) foram à Tabatinga, no Amazonas, ontem, para acompanhar os desdobramentos da investigação sobre o assassinato. Em reunião com representantes do Exército, Polícia Federal, da Fundação Nacional do Índio (Funai) e outras instituições foram discutidas medidas conjuntas de reforço da presença e atuação estatal na região.

"Eu volto a Brasília disposto a mover as instâncias do Estado para a defesa da Amazônia e de seus cidadãos, sejam eles indígenas isolados ou não", disse Aras em comunicado aos jornalistas após a reunião.

O assessor jurídico da organização indígena União dos Povos

Indígenas do Vale do Javari (Univaja), Eliesio Marubo, que participou do encontro, contou que a reunião debateu o fortalecimento das instituições. "Foi dito que o MPF iria avaliar a afirmação da PF sobre a conclusão do inquérito. O procurador também vai avaliar com o governador do Amazonas a possibilidade de impor uma GLO (Garantia da Lei e da Ordem, com o emprego das Forças Armadas) para a região do Vale do Javari", explicou.

Em maio, o procurador assinou uma portaria criando 30 escritórios com temática socioambiental na Amazônia. Agora, de acordo com a pasta, o objetivo é garantir a implementação da portaria. Lideranças reforçaram a necessidade de o Estado cumprir seu papel de fiscalização e combate ao crime naquela área. De acordo com eles, a vigilância dos territórios tem sido feita pelos próprios indígenas, o que os coloca em risco permanente.

Segundo Aras, a reestruturação da estratégia do MPF deve ampliar o número de escritórios e, como consequência, de procuradores destinados ao trabalho tanto preventivo quanto repressivo.

Atos pelo Brasil

Neste fim de semana aconteceram atos em todo o país pedindo por justiça para Bruno e Dom. Em Brasília, um grupo se reuniu na manhã de ontem, na Asa Norte. Os participantes carregavam imagens das vítimas, cartazes cobrando a responsabilização pelo crime e pelo fim do garimpo. Houve também pedido para a saída do presidente da Funai, Marcelo Xavier.

Indígenas e um servidor da Funai discursaram durante o ato na capital, que também contou com a presença de integrantes de movimentos

sociais, servidores públicos e pequenos produtores rurais. Ao longo desta semana acontecerá ainda uma vigília permanente em frente à sede da Funai em Brasília.

Greve

Servidores da Funai que atuam em todo o país preparam um ato nacional de greve, em protesto contra as ações e falas praticadas por seu atual presidente, Marcelo Xavier, e pelas mortes de Pereira e de Phillips. A manifestação está marcada para esta quinta-feira, a partir das 10h, e deve incluir todas as unidades do país. Anteontem, com o mesmo propósito, um ato foi realizado na Avenida Paulista, em São Paulo.

"Nós, servidores e servidores da Funai, mobilizados nacionalmente e representados por nossas entidades, convocamos a todas/os para estarem conosco no ato nacional de greve", diz, em nota, a Indigenistas Associados (INA), grupo que reúne servidores da fundação.

Representantes da INA cobram a troca no comando do órgão. Delegado da PF, Xavier chegou à presidência da Funai em julho de 2019, apoiado pela bancada ruralista. Ele assumiu no lugar do general Franklindberg Ribeiro de Freitas, que tinha deixado o cargo em junho, após ser alvo de forte pressão da bancada do agronegócio. Franklindberg estava havia menos de cinco meses no cargo quando foi trocado.

Depois de quatro meses no comando, Xavier fez uma demissão generalizada na Funai e trocou 15 coordenações de áreas da autarquia. Alguns coordenadores ficaram sabendo da exoneração pelo Diário Oficial da União. Naquele mesmo mês de outubro, ele demitiu Pereira, que era coordenador-geral de Índios Isolados.

» Entrevista | ANDREW DOWNIE JORNALISTA E AMIGO DE DOM PHILLIPS

"É preciso continuar o trabalho que Dom fazia"

» TAÍSA MEDEIROS

A morte do jornalista inglês Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira tomou o noticiário das últimas semanas. A dor de colegas, amigos e familiares foi exposta ao longo dos dias, evidenciando a angústia da espera por respostas. Dentre os jornalistas que acompanharam o caso estava um grande amigo de Dom no Brasil, Andrew Downie. Jornalista especialista em América Latina e autor do livro Doutor Sócrates: jogador de futebol, filósofo, lenda, o escocês conheceu Dom em 2007, e desde então se aproximaram. Andrew conta, em entrevista, sobre os desafios em cobrir, para o jornal The Guardian, o desaparecimento e assassinato do amigo, e relembra quem era o amigo e profissional Dom Phillips.



Como era sua relação com Dom?

Conheci o Dom em 2007, quando ele veio para São Paulo. Eu já trabalhava como correspondente e tínhamos amigos em comum, e ficamos amigos. Não fomos colegas diretamente, mas às sextas-feiras a gente se encontrava e tomava uma cerveja.

Dom estava escrevendo um livro sobre a Amazônia. O que você sabia a respeito?

Ele não contava muito sobre, não falava muito sobre o livro. Ele não contava detalhes sobre o livro que estava escrevendo. Quando eu perguntei: "você está fazendo o quê? Vai viajar para onde?" Ele falou: "Não, eu não vou falar, vai estar no livro". Os detalhes eu não sabia.

O presidente Jair Bolsonaro chegou a dizer que a dupla sabia dos riscos que corria ao realizar as atividades ali naquela região. Dom já havia comentado sobre esses riscos?

Ir para a Amazônia sempre vai ter um risco. Mas o que o presidente falou, ninguém fala. Nenhuma pessoa que tem o mínimo de empatia fala.

Faltou empatia por parte do governo?

Óbvio. Ninguém fala essas coisas. Existem jornalistas que adoram a adrenalina, se colocar nesses meios de perigo para ter uma história para contar. O Dom não era assim. Ele era mais tranquilo, organizado. Ele não gostava dessas coisas. Então, ele não tomava esses riscos à toa.

Como é a repercussão internacional do caso?

Eu estava escrevendo sobre isso todo dia para o jornal inglês The Guardian. Como jornalista, quando tem notícia você faz, e

não para e pensa muita coisa. Obviamente, é um pouco diferente nesse caso, mas eu tinha falado para os meus amigos. Então, quando me perguntam como eu estou, eu falo: "Não tive tempo para pensar, para a ficha cair". A adrenalina de ter prazos, ter que fazer matéria todo dia. Isso ocupou todo o meu tempo, eu não tive muito tempo para pensar nos detalhes. E agradeço que não tive muito tempo. Vai chegar um momento quando vou ter que pensar nisso e talvez a ficha caia. Mas, até agora, nem tanto.

Em termos de justiça, como é que vão ser os próximos passos? Vocês vão seguir falando disso, vão seguir pressionando? Quais são os planos agora?

Com certeza. A primeira coisa é que o corpo precisa ir para a família, e a família vai ter paz de espírito em saber que o corpo está com eles, no lugar certo, onde eles querem. A segunda coisa é a justiça. Quem cometeu o crime deve pagar, que tenha uma investigação séria, que tenha um juízo sério. E rápido. Com certeza vamos continuar cobrindo isso, e espero que a gente continue também, se der certo, se houver dinheiro, se houver recursos para ir para Amazônia, para não só cobrir o que aconteceu com Dom, mas ainda falar sobre os indígenas do Vale do Javari, e do outro parque da Amazônia. Vamos falar, obviamente, sobre o meio ambiente e as mudanças climáticas. É um assunto que afeta todo mundo cada vez mais, então esse é um assunto também muito importante, que está muito envolvido com esses acontecimentos, e é uma forma de continuar esse trabalho importante que Dom fazia.

DIVERSIDADE

Parada LGBTQIA+: após dois anos, de volta às ruas de SP

Após dois anos de edições virtuais, em razão da pandemia da covid-19, a Parada do Orgulho LGBTQIA+ voltou às ruas de São Paulo ontem. Com o lema "Vote com orgulho: política que representa", a 26ª edição do evento contou com uma multidão de cerca de 3 milhões de pessoas. Dez quarteirões da Avenida Paulista foram ocupados por ativistas, artistas e apoiadores das causas.

As vésperas das eleições presidenciais, o tom político conduziu o evento, que além de bandeiras de arco-íris, foi marcado por cartazes com a inscrição "Fora, Bolsonaro" e com o rosto da ex-vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018, no Rio de Janeiro. Os discursos de artistas também traziam mensagens similares, com críticas

ao presidente Jair Bolsonaro (PL).

O tema deste ano, segundo o vice-presidente da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (APOGLBT-SP), Renato Viterbo, é uma chance de mostrar a importância do voto para as políticas públicas voltadas para a comunidade. "A intenção é votar em pessoas LGBTQIs e aliadas e que o público entenda o tanto que isso vai refletir também na sua família e no entorno", declarou.

Emanoel Santos, 36 anos, frequentador do evento desde 2009. Para ele, a parada parece uma grande festa para quem vê de longe ou não vive as dores da comunidade LGBTQIA+, enquanto na verdade é um local de luta, independente de orientação sexual. "Para

NELSON ALMEIDA / AFP



Dez quarteirões da Paulista foram ocupados por artistas e apoiadores

alguns a parada é apenas um dia, em que nós, homossexuais, saímos nas ruas e festejamos. Mas eu creio que é o dia em que mostramos que existimos para o mundo, colocando milhões de pessoas

nas ruas para lutar por uma causa, e dizer que também somos humanos, independente da nossa sexualidade", disse.

Ele destacou a importância do tema deste ano, diante de tantas

pessoas desacreditadas na política: "Sabemos que todos têm a noção que cada voto importa, mas nos últimos anos parece que as pessoas perderam a noção do poder que elas têm nas mãos".

Segurança e respeito

Neste ano, 19 carros fizeram parte do desfile, com a participação de Pablo Vittar, Ludmilla, Pepita, Mateus Carrilho, Liniker, Majur, Gretchen, Luisa Sonza e o bloco de Carnaval Minhoqueens. O patrocínio do evento contou com mais de dois mil policiais militares, que garantiram a segurança do ato.

O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo, por isso, além de celebrar a diversidade, a parada é um apelo por mais segurança e respeito. Sem citar políticos em sua fala, a cantora Ludmilla destacou durante sua apresentação que "a luta (da comunidade LGBT) não está ganha". (RG)

» MG: acidente com embarcação mata dois em Capitólio

Duas pessoas morreram em um acidente com uma embarcação na noite de sábado, no Lago de Furnas, em Capitólio, em Minas Gerais. Segundo a Associação Pública dos Municípios da Microrregião do Médio Rio Grande (AMEG), uma lancha com 14 passageiros apresentou problemas mecânicos e solicitou apoio de outra embarcação nas proximidades para resgate. Uma chalana com outros 10 passageiros tentou socorrer a lancha à deriva e, no momento do transbordo dos passageiros, não suportou o peso e virou. Ao menos dois passageiros se afogaram. Em janeiro, a queda de uma rocha de 900 toneladas sobre lanchas matou outras 10 pessoas que visitavam os cânions da região.